

Sumário

1. Um ladrão comum	9
2. Uma vida de festas	23
3. Algo estranhamente diferente	35
4. Infantil demais para um homem crescido	49
5. Um homem livre	63
6. Um novo começo	73
7. Um campo de missionário bem aqui	85
8. O clube do café-da-manhã	95
9. O primeiro orfanato em Bristol	109
10. Um orfanato na rua Wilson	119
11. Comida para as crianças	129
12. Faça aos outros	141
13. Ashley Down	153
14. Deus proverá	165
15. Dias de viagem	177
16. Depois de amanhã	191
17. O trabalho continua	199
Bibliografia	205
Sobre os autores	207

Um ladrão comum

Pá! Um vaso de flores caiu sobre a calçada enquanto George Müller esticava o pé para chegar ao chão. Ele estava descendo pela janela de trás da pousada onde havia se hospedado, e ao ouvir o som, congelou.

Após ter certeza de que ninguém o escutara, George baixou um dos pés suavemente sobre o chão de pedra, depois o outro. Com 16 anos, ele ergueu o corpo alto e magro até ficar totalmente de pé e olhou ao redor. “Bem”, murmurou para si mesmo em voz baixa. “Estou a salvo. Agora é só cair fora daqui”.

Um momento depois, George percebeu que falara cedo demais. Policiais apareceram do outro lado da rua e começaram a correr em sua direção. Ele girou o corpo, procurando desesperadamente por algum meio de escapar, mas não havia nenhum. Antes que percebesse, as

mãos fortes do policial agarraram seu braço e o levaram com dureza pela rua de paralelepípedos em direção à prisão.

Uma hora mais tarde, George aguardava a chamada de seu nome. O banco de madeira sem encosto onde estava sentado era duro e desconfortável, e as correntes à volta dos pulsos e tornozelos finos machucavam sua pele.

Enquanto aguardava, o jovem pensava em quão chocado seu pai ficaria ao vê-lo acorrentado. Mas, ele não ficaria mais chocado que o próprio George estava no momento. Ele fizera coisas desonestas algumas vezes antes, mas, esta era a primeira vez que havia sido pego. Ou melhor, a primeira vez que fora pego pela polícia. Quando contava 10 anos, seu pai o descobrira, o que acabou se tornando uma experiência dolorosa e humilhante. Seu pai Johann Müller, era um coletor de impostos do governo prussiano,¹ e muitas vezes deixava grandes somas de dinheiro em casa. O sr. Müller continuamente reclamava da falta de pequenas quantias desse, mas, George e seu irmão caçula afirmavam não saber de nada sobre o assunto.

¹ A Prússia foi uma região histórica da Europa fundada em 1525, de língua alemã, que fazia fronteira com a costa sudeste do mar Báltico. Tornou-se conhecida por seu poderoso exército. Após séculos de conquistas, uniões e separações, deu origem à Alemanha, em 1871, tornando-se parte desse país. Foi dissolvida oficialmente como região geográfica em 1949, dando origem à Renânia do Norte-Vestfália, Baixa Saxônia, Hesse, Renânia-Palatinado e Schleswig-Holstein. (N. do R.)

Um dia, George foi chamado ao escritório do pai, que lhe havia preparado uma armadilha. O sr. Müller havia contado e separado uma quantidade de moedas deixadas no canto da mesa. Quando George chegou ao escritório, o pai fingiu que precisava ir a outro cômodo. Sozinho no escritório, George viu a pilha de moedas na mesa do pai e pensou em todas as coisas maravilhosas que poderia fazer com o dinheiro. Parecia um pecado colocar todas aquelas moedas na bolsa oficial de couro preta e entregar o dinheiro a algum oficial do governo. Assim, George se aproximou da mesa de forma sorrateira e silenciosa retirou três moedas de cima da pilha. Quem sentiria falta delas? George escondeu as moedas na meia direita com rapidez.

Assim que Johann Müller voltou ao escritório, para o desalento de George, olhou diretamente para a pilha de moedas.

— Que estranho — ele disse em uma voz baixa e forçada que George já aprendera a temer. — Pensei que havia mais moedas do que essas que estão aí. Deixe-me contá-las.

George podia sentir as bochechas ficando quentes e vermelhas. Seu coração disparou. As moedas frias estavam pressionadas contra seu tornozelo dentro da meia.

— Esvazie seus bolsos — disse o sr. Müller de forma controlada, olhando o filho nos olhos.

— Mas, papai... — George começou a falar, mas pensou melhor e se calou. De maneira obediente, esvaziou

seus bolsos sobre a mesa. Havia uma caneta de pena, três bolinhas de gude e uma cordinha de uns 20 centímetros. George esvaziou os bolsos e os deixou do lado avesso para que o pai visse que eles estavam vazios.

— Agora tire a camisa.

George ficou horrorizado. Quão longe o seu pai iria antes de acreditar no filho mais velho?

— E as calças.

George começou a ficar apavorado. As coisas não pareciam boas. Caso seu pai descobrisse as moedas na meia, George apanharia. E de acordo com as experiências anteriores, George sabia que um menino com suas calças arriadas era um alvo especialmente fácil.

— Agora as meias — continuou o pai com a voz determinada.

George as tirou bem devagar de seus pés. Primeiro a esquerda e depois a direita, tomando cuidado para que elas não tilintassem ao encostarem umas nas outras.

— Entregue-as para mim — exigiu seu pai.

O coração do menino bateu ainda mais rápido. Seu rosto parecia pegar fogo naquele momento. George abaixou os olhos enquanto dava as meias ao pai.

Um segundo depois seu pai explodiu:

— Meu filho, um ladrãozinho ordinário! Como você ousa desgraçar o nome da família Müller. Venha aqui agora!

Ele pegou a vara que ficava em pé no canto do escritório.

Vapt! Vapt! Vapt! A surra parecia durar para sempre. A dor era excruciante. George sentiu que as pernas começaram a ceder ao mesmo tempo em que a ira do pai diminuiu e a punição chegou ao fim.

— Você nunca mais vai roubar, me ouviu? — disse Johann Müller, chacoalhando os ombros do filho para enfatizar cada palavra.

— Sim — gaguejou George.

— Agora saia da minha frente — rugiu o pai, apontando a direção da porta.

George juntou as roupas e andou meio que rastejando até a porta, não parando nem para se vestir. Naquele exato momento ele não se importava com quem o visse; seu traseiro latejava muito. Ele subiu até o quarto no segundo andar e trancou a porta atrás de si. Seguro, dentro do quarto, caiu na cama e chorou toda a dor do seu coração.

— Enquanto eu viver nunca mais farei isso — prometeu a si mesmo entre soluços enquanto passava as mãos nos vergões nas pernas e nádegas.

George não prometera nunca mais roubar. Não, ele amava muito a emoção e a aventura de roubar para deixar de fazê-lo, sem mencionar a recompensa. O menino prometeu a si mesmo que jamais seria pego de novo. Roubar era estimulante, mas ser pego era doloroso e humilhante!

Agora, seis anos depois, ele fora pego de novo. Como pudera ser tão estúpido?